

2013

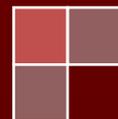
InFover

InfoVer – Informativo sobre o Mercado de Leite de Vaca do Campo
Uma publicação do DCECO- UFSJ

Ano VI Nº 54– Julho de 2013

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ
Campus Santo Antônio
Praça Frei Orlando, nº 170 – Centro
São João del-Rei – Minas Gerais – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2300
www.ufsj.edu.br
Departamento de Ciências Econômicas – DCECO
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
Coord.: Prof^ª: Aline Cristina da Cruz
Técnico Administrativo: Paulo Afonso Palumbo
Mestrando PUCRS: Alexandre Rodrigues Loures
Acadêmicos UFSJ: Fabiana Maria dos Santos Costa
Fábio Júnio da Silva Carvalho
Milana Vera Mendes Pinheiro

São João del-Rei , Julho de 2013



Termos de troca milho, soja e leite

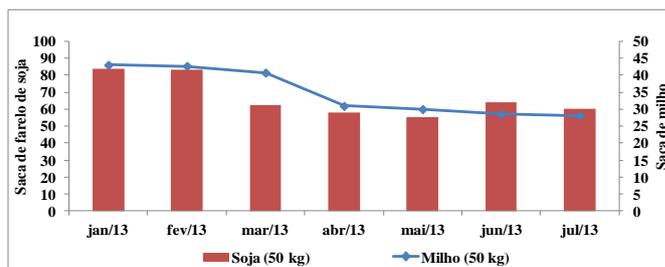
Os preços dos insumos pesquisados pelo DCECO (Departamento de Ciências Econômicas) em julho de 2013 comparados a junho de 2013, segundo mostra a Tabela 1, apresentaram algumas variações.

Dos oito insumos, quatro apresentaram aumento em seus preços: ração pra vaca, farelo de trigo, ração pra bezerro, e milho com aumentos de 0,37%, 2,55%, 0,64% e 2,07%, respectivamente. Já o sal mineral, a polpa cítrica e o farelo de algodão permaneceram estáveis, enquanto que o farelo de soja registrou queda de 0,17% em seu preço.

A saca de farelo de soja em São João del-Rei que custava R\$60,60, em junho de 2013, passou aos R\$60,50 em julho deste ano, registrando queda de 0,17%. Já o milho, cuja saca estava com cotação de R\$26,60 em junho, registrou alta de 2,07% chegando aos R\$27,15 no mês seguinte.

Conforme se pode observar na Tabela 2 e também na Figura 1 a seguir, no que se refere à relação de troca de soja por litros de leite em São João del-Rei, verifica-se a queda de 6,00% em julho. Afinal o produtor precisou de 60,21 litros de leite para adquirir uma saca de farelo de soja, enquanto que no mês anterior, esta exigência era de 64,05 litros de leite para adquirir o mesmo produto.

Para a relação de troca entre o milho/litros de leite em São João del-Rei, nota-se redução de 3,90%. Isso porque, em julho, o produtor precisou trocar 27,02 litros de leite para adquirir uma saca de milho, enquanto que, em junho, esta relação era igual a 28,12 litros de leite.



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Figura 1 - Litros de leite necessários para adquirir uma saca de milho ou uma saca de soja

Tabela 2 – Relação de troca milho, soja e leite, São João del-Rei

Mês	Farelo de soja		Milho	
	2013	%*	2013	%*
Jan	83,62 L **	0,12	42,72 L	-0,76
Fev	83,34 L	-0,33	40,76 L	-4,60
Mar	62,46 L	-25,06	30,94 L	-24,10
Abr	57,74 L	-7,54	30,00 L	-3,01
Mai	55,27 L	-4,28	28,56 L	-4,83
Jun	64,05 L	15,88	28,12 L	-1,54
Jul	60,21 L	-6,00	27,02 L	-3,90
Ago				
Set				
Out				
Nov				
Dez				

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Nota: *Variação em relação ao mês anterior
** Litros

Tabela 1 – Preço médio dos insumos agrícolas em julho de 2013

Produto	Kg	R\$	Var. em relação ao mês anterior	Produto	Kg	R\$	Var. em relação ao mês anterior
Ração p/vaca	40	40,75	0,37	Ração bezerro	40	39,35	0,64
Sal mineral	30	42,80	0,00	Farelo soja	50	60,50	-0,17
Farelo de trigo	40	24,10	2,55	Farelo algodão	50	42,80	0,00
Polpa cítrica	50	28,80	0,00	Milho	50	27,15	2,07

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Conforto animal

Aloma Eiterer Leão

Estudante de Medicina Veterinária

Em qualquer sistema de produção todos os animais estão sob ação do ambiente, das instalações e as práticas de manejo, que podem prejudicar ou favorecer o animal na expressão de seu potencial de produção.

O produtor de leite pode interferir no ambiente de vida destes animais, buscando aumentar o conforto e desta forma, obtendo melhor desempenho do rebanho. Nesse sentido, algumas estratégias são listadas a seguir:

- **Água:** disponibilizar bebedouro que ofereça água de qualidade e em quantidade suficiente a todos os animais. Não é necessário ter um grande bebedouro, mas, sim, um que apresente fluxo contínuo de água e uma vazão que o mantenha sempre repleto;

- **Bem-estar animal:** preparar a mão de obra para lidar com rebanho leiteiro, de forma a conduzi-lo de maneira tranquila para as mais diversas práticas de manejo (vacinação, pesagem, inseminação, ordenha etc.). Devemos nos atentar também à importância de manter os animais em um bom estado de saúde;

- **Barro:** o acesso à água e às áreas de sombra e pastos deverá ser planejado, visando reduzir distâncias, facilitar o deslocamento e reduzir a formação de barro. É indispensável promover limpezas constantes dos locais por onde o gado transita, buscando reduzir os riscos de acidentes;

- **Sombra:** é o método mais simples para reduzir o impacto da radiação solar. As sombras das árvores são mais eficientes quando comparadas com as sombras artificiais. Não sendo possível optar pela sombra natural, recomenda-se a construção de um sombrite, que deve contar com as seguintes características: ser orientado no sentido norte-sul, ter a altura ideal respeitando o pé-direito de 3 a 3,5m, não apresentar as extremidades laterais fechadas para facilitar a circulação do ar. A área de sombra deve respeitar o espaço mínimo de 4 a 6m²/animal;

- **Ventilação:** o movimento do ar é um fator importante na diminuição do estresse térmico, já que favorece as perdas de calor por convecção e, dependendo da umidade do ar, as perdas por evaporação. A velocidade da ventilação indica valores entre 2,2 a 2,7 m/s como sendo ideais para vacas holandesas em confinamento.

Vale lembrar que de acordo com as características de cada sistema de confinamento, existem dimensões ideais para as camas e para a linha de cocho;

- **Resfriamento evaporativo:** pode ser obtido por meio de sistema de nebulização associado à ventilação. O princípio dos nebulizadores consiste em provocar finíssimas gotas de água que gerem uma neblina, que deve evaporar antes de chegar à superfície do animal.

Tal prática demanda atenção à umidade do ambiente: se no projeto não houver uma circulação de ar adequada, pode resultar em alta umidade e problemas de saúde no rebanho. O ideal é que o ar seja trocado a cada período de 70 segundos. Por isso, a velocidade do vento deve ser em torno de 3 m/s;

- **“Molhação”:** trata-se de uma nova estratégia e consiste em molhar a superfície do corpo do animal, que associada à ventilação, favorece a perda de calor latente. Atualmente, preconiza-se o conceito de aumentar a umidade do animal e não do ambiente, como se acreditava até a última década.

- **Nutrição:** embora já se fale em alterações na formulação de rações e qualidade de volumosos, recentemente, empresas especializadas em nutrição animal disponibilizaram no mercado aditivos alimentares que prometem reduzir a severidade do estresse térmico.

Alguns atuam como osmorreguladores, mantendo a hidratação das células do animal, o que resultaria numa melhor eficiência para dissipar calor. Contudo, são necessários mais estudos para que sua eficiência seja validada. Por fim, deve-se repetir constantemente: “Este ambiente está agradável para mim? E para as minhas vacas? O que eu posso fazer para melhorá-lo?”

Fonte: Jornal da Produção de Leite/Ano XXI - Número 284, Viçosa MG, Dezembro de 2012



Mercado da bovinocultura leiteira de São João del Rei

De acordo com a Tabela 3, que traz o resultado do levantamento feito pelo Departamento de Ciências Econômicas a despeito dos preços médios dos derivados do leite de São João del-Rei, observam-se algumas modificações referentes ao mês de julho quando comparado a junho desse ano. Primeiramente, nota-se que, entre os quatro derivados do leite, houve aumento na cotação de três: a mussarela com 0,57%, o queijo prato com 1,23% e o queijo minas frescal com 4,77%.

Já a cotação do leite longa vida, em julho comparado ao mês anterior, permaneceu-se estável registrando mesmo preço de R\$1,97.

Quanto ao preço médio do leite pasteurizado tipo C, segundo a Tabela 4, em julho, nota-se uma pequena queda de 1,47% em relação a junho, registrando novo preço médio de R\$2,01.

Tabela 4 – Preço médio do leite Tipo C pasteurizado em São João del-Rei

Mês/Ano	R\$	Var %*
Dez/2012	1,82	0,00
Jan/2013	1,86	2,19
Fev/2013	1,86	0,00
Mar/2013	1,86	0,00
Abr/2013	1,87	0,54
Mai/2013	2,04	9,09
Jun/2013	2,04	0,00
Jul/2013	2,01	-1,47
Ago/2013		
Set/2013		
Out/2013		
Nov/2013		
Dez/2013		

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Nota: *Variação em relação ao mês anterior

Tabela 3 – Preço médio por kg dos derivados do leite e do leite longa vida (litro) de São João del-Rei

Produto	2012							2013						
	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	
Mussarela	14,85	14,65	14,55	16,18	16,10	17,20	18,10	18,55	18,85	18,85	19,40	17,45	17,55	
Queijo Prato	13,45	13,45	13,90	15,98	15,70	15,70	16,00	15,86	15,90	15,87	16,05	16,20	16,40	
Minas Frescal	9,20	9,60	8,95	8,95	8,95	9,95	9,60	9,60	9,55	9,55	10,39	10,69	11,20	
Longa Vida	1,86	1,85	1,83	1,85	1,85	1,89	1,87	1,85	1,84	1,85	1,97	1,97	1,97	

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)



DCECO – Departamento de Ciências Econômicas
Praça Frei Orlando, 170 – Centro – São João del-Rei – MG – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
InfoVer: Disponível em www.ufsj.edu.br/dceco



Em relação ao preço líquido médio do leite pago ao produtor, segundo (Tabela 5), observou-se algumas alterações no mês de julho. Na média estadual, quando comparado a junho de 2013, houve aumento de 4,61% e na média nacional aumento de 3,67%.

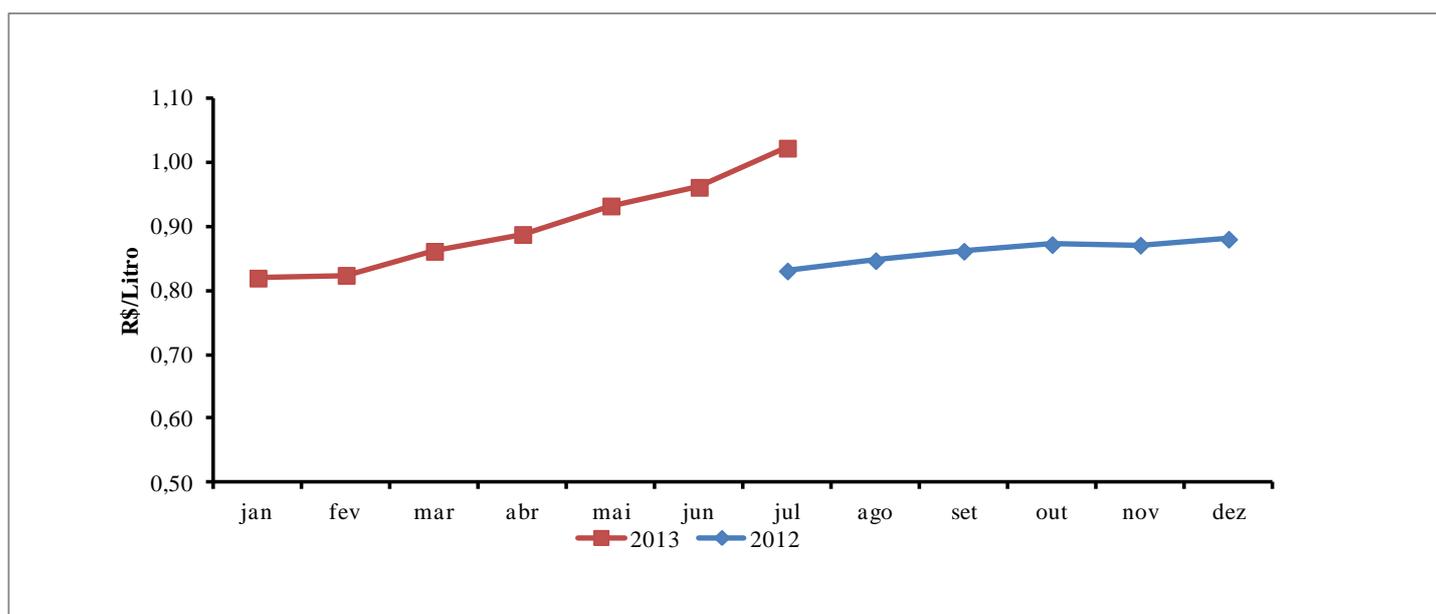
Já a região da Zona da Mata, segundo (Tabela 5) e Figura 2, em julho, nota-se acréscimo de 6,35% no preço pago ao produtor quando comparado a junho deste ano, registrando novo preço médio do litro de leite em R\$ 1,0217.

Tabela 5 – Preço líquido do litro de leite, julho de 2013

MESORREGIÃO	PREÇO LÍQUIDO MÉDIO	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO MÊS ANTERIOR
ZONA DA MATA	1,0217	6,35%
MÉDIA ESTADUAL	1,0575	4,61%
MÉDIA NACIONAL	1,0313	3,67%

Fonte: Cepea (2013). Boletim do leite. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/boletim/216.pdf>

Nota: Valor deflacionado pelo IGP-DI



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Figura 2 – Variação do preço livre pago ao produtor da Zona da Mata deflacionado



DCECO – Departamento de Ciências Econômicas
Praça Frei Orlando, 170 – Centro – São João del-Rei – MG – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
InfoVer: Disponível em www.ufsj.edu.br/dceco



Controle de Cupins

Lidiane Finoti
Estudante de Medicina Veterinária
Vanessa Martins
Estudante de Agronomia
Wagner Machado
Estudante de Zootecnia

A base da alimentação dos bovinos no Brasil são as gramíneas forrageiras, assim surge a preocupação com os processos degradativos das áreas de pastagens. Vários fatores influenciam negativamente na produção de forragem, e são responsáveis pela degradação e morte das pastagens, entre eles podemos citar o aparecimento de cupinzeiros.

Os cupins afetam diretamente o processo produtivo, já que consomem as folhas e raízes da vegetação, diminuindo a quantidade de alimento disponível para o gado. Como consequência, nota-se a perda de vigor, produtividade e capacidade de recuperação natural da planta, tornando-a incapaz de sustentar os níveis de produção e qualidade exigidos pelos animais.

Além disso, forrageiras enfraquecidas se tornam mais suscetível ao aparecimento de pragas, doenças e invasoras. Atenção maior deve ser dada no período do verão, é nesta época que os cupins mais se proliferam, pois aproveitam o calor para se reproduzirem. A presença desses insetos é de tirar o sono do produtor, uma vez que causam prejuízos não só às pastagens, mas também em canaviais e em cultivos de florestas.

Em canaviais as perdas causadas pelo gênero *Heterotermes* (cupins subterrâneos), que atacam o sistema radicular das plantas, podem chegar a 15 toneladas/hectare, gerando um prejuízo médio de R\$600,00/hectare. Em pastagens, os cupins *Cornitermes* (cupins de monte) limitam o espaço e empobrecem o pasto, pois atacam a raiz da gramínea, causando uma perda na produtividade de aproximadamente 75%, que em reais corresponde a aproximadamente R\$2.500/hectare. A não realização do controle de cupins não se justifica economicamente, uma vez que os prejuízos

causados são altos e o custo do controle é baixo, em torno de R\$0,43/cupinzeiro.

Outro problema causado pela presença de cupins, é que seus ninhos dificultam a passagem de máquinas agrícolas, danificam mourões de cercas e cochos de madeiras, e, além disso, cupinzeiros abandonados podem abrigar animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas. Na fazenda Itapeva, de propriedade do Sr. José Maria de Barros, situada em Presidente Bernardes - MG, foi constatada a presença de “cupins de monte” na área destinada para formação do canavial, sendo assim, foi realizado o combate através do uso de inseticida químico em pó dissolvido em água.

O controle foi realizado perfurando o topo do ninho com uma barra de ferro até a câmara celulósica, a camada mais profunda, também chamada de núcleo do cupinzeiro. Ao atingir este compartimento, onde os cupins geralmente se instalam, o inseticida foi injetado, atingindo a maioria dos insetos.

Após a aplicação foi constatada a eliminação de todos os cupins, permitindo a implantação do canavial. Vale ressaltar que assim como para qualquer inseticida agrícola, o manuseio deve ser acompanhado de máscara, luva e outros equipamentos de proteção, pois acidentes com o produto podem causar danos à saúde humana.

Em áreas completamente degradadas e infestadas por cupins, e que necessitam de recuperação, o controle pode ser feito com pulverizador acoplado ao trator.

Os cupins geralmente dominam áreas que já estavam degradadas e com baixa produtividade, conferindo às pastagens a aparência de abandono, resultando na desvalorização da propriedade. Diante disto, é de extrema importância manter um pasto bem cuidado, conservado e de boa qualidade nutricional, pois investir no pasto é tão importante como investir em qualquer outra atividade dentro do sistema de criação.

Fonte: Jornal da Produção de Leite/Ano XXI - Número 284, Viçosa MG, Dezembro de 2012

